

# Belo Horizonte e a França: relações culturais no período pré-design

Incapaz de seguir naturalmente a cultura artesanal do país, caracterizada primordialmente pelo artesanato indígena, o design no Brasil seguiu um caminho de múltiplas influências até se afirmar de maneira independente. Dentro deste ambiente multicultural, a França teve forte influência sobre a sociedade brasileira até a primeira metade do século XX. Considerando que a busca da identidade do design brasileiro passa pela investigação dos acontecimentos e desenvolvimentos ligados à construção da nossa sociedade, é importante reconhecer o legado francês que está presente até os dias de hoje na cultura mineira. O presente ensaio examina a ligação cultural entre a França e Belo Horizonte através de elementos da cultura material presentes na capital.

**Palavras-chave:** Design, Cultura, Arquitetura, Identidade

*Incapable to follow the artisan culture of the country, characterized for the indigenous craftsmanship, design in Brazil followed a way of limited options until your affirmation in independent way. In this multicultural environment, France had strong influence over the Brazilian society in the first half of century XX. Considering that the search of the identity of Brazilian design, passes for the inquiry of the events and developments related to the construction of our society, it is important to recognize the French legacy that is present until today in the Minas Gerais culture. This essay look over the cultural link between France e Belo Horizonte through elements of the material culture legacy in the capital.*

**Keywords:** Design, Culture, Architecture, Identity

# A construção do espaço deve satisfazer a três condições

O design como conhecemos hoje no Brasil tem suas origens durante o período de industrialização do país, culminando com a implantação do ensino da atividade durante a década de 1960 nos moldes do funcionalismo Alemão.

Apesar disto, considerando que atividades relativas ao design já eram desenvolvidas no país já na primeira metade do século XX, podemos considerar que as características culturais anteriores à implantação oficial da atividade tiveram um papel importante na formação da base cultural sobre a qual o design se estrutura.

Além disto, conforme podemos identificar na definição de design proposta por Barroso Neto (1981) apud Niemeyer (2000, p.25) além do objetivo de síntese, o design tem ligações profundas com o modo de viver da sociedade, o ambiente, as relações humanas, a tecnologia e até mesmo com a economia, dado o fato de ser uma atividade que atua como intermediária entre os setores produtivos e o consumidor.

“(…)uma atividade contemporânea que nasceu da necessidade de estabelecer uma relação entre diferentes saberes e diferentes especializações. Design é o equacionamento simultâneo de fatores sociais, antropológicos, ecológicos, ergonômicos, tecnológicos e econômicos, na concepção de elementos e sistemas materiais necessários à vida, ao bem-estar e à cultura do homem”.  
(BARROSO NETO 1981)

Mesmo assim, o design no Brasil teve um desenvolvimento diferente dos outros países onde o design foi uma evolução natural da cultura artesanal. Conforme afirma DE MORAES (2006 p.56) “(…) o Brasil viveu o estabelecimento do seu design sempre com uma expectativa de transferência de modelos e soluções provenientes do exterior, se desenvolvendo não como consequência direta e espontânea das suas tradições artesanais e das suas manifestações culturais(…)

Desde o seu descobrimento, o Brasil teve aspectos de sua cultura definidos por elementos

estrangeiros, principalmente devido à impossibilidade de realizar por conta própria os processos produtivos ligados às principais atividades industriais que floresciam na Europa.

Esta importação de modelos se deve em parte à forma de controle exercida pela corte portuguesa sobre sua colônia, onde até 1808 o chamado Pacto Colonial impedia a produção manufatureira em terras brasileiras de bens como têxteis, ourivesaria, destilados, etc. Mesmo depois da extinção do pacto, tratados posteriores o de 1910 com a Inglaterra continuaram a obrigar a colônia a consumir bens importados de Portugal e seus parceiros.

Assim, como grande parte dos bens de consumo materiais só podiam ser comprados pela parte mais abastada da população, o acesso ao que vinha da Europa trazia um status que também se estendia para além dos domínios materiais.

Com a descoberta do ouro em Minas Gerais pelo paulista Antônio Rodrigues Arzão em 1693, o fraco movimento migratório dos séculos XVI e XVII se acentuou e fez com que pessoas de toda parte do mundo viessem para Minas Gerais.

Mesmo com relações diretamente estabelecidas com a elite portuguesa, a burguesia local das áreas de mineração era capaz de importar bens e ter acesso às notícias e acontecimentos do velho mundo.

Cultivando o apreço dos portugueses pelas coisas francesas, como podemos notar através das obras de Eça de Queiroz e outros indicativos de cultura da época, a elite brasileira mantinha hábitos como o envio dos filhos para a Europa, afim de desenvolver sua cultura e conhecimentos acadêmicos formais, assim como de garantir que suas filhas fossem francófonas e tocassem piano para garantir melhores pretendentes.

A identificação com a França através de seus pensadores e ideais também é percebida nas bases da Inconfidência Mineira que claramente foi influenciada pelos movimento iluminista Francês.

# O Brasil e a França

Quem visita Belo Horizonte nota formas e referências um pouco distantes do que poderia se esperar da capital de um estado famoso por seu conjunto arquitetônico colonial, identificado em Ouro Preto, Tiradentes, Diamantina e outras cidades turísticas mineiras.

Inaugurada com o nome de Cural Del Rei no ano de 1897, Belo Horizonte já nasce com o objetivo de substituir a antiga capital Ouro Preto, afirmar o poder político e concentrar a o eixo econômico distribuído em outros pontos do estado após a escassez do ouro.

Apesar da clara decadência do poder econômico centrado em Ouro Preto, o governo de Afonso Pena, futuro presidente da república (1906-1909), vinha sofrendo iniciativas separatistas e lidando com pressões de grupos na Zona da Mata, Ouro Preto e Sul de Minas pela localização da nova capital.

Além de chamar Herculano Ferreira Pena para determinar o local da construção da capital, Afonso Pena nomeia o engenheiro Arão Reis para chefiar a comissão de construção da nova capital.

Inaugurada durante o governo de Bias Fortes, Belo Horizonte segundo Schmidt (1981, p. 30) teve seu plano de construção “baseado nos exemplos da reconstrução de Paris na década de 1860 sob Napoleão III, com a liderança do Barão Georges Eugène Haussmann, e o modelo seguido para Washington, através do plano de L’Enfant.”

Dentro de um ideal positivista, a cidade adquiriu um traçado geométrico, com ruas distribuídas em grade e dentro de estruturas concêntricas de organização. Como era uma cidade planejada, até a década de 20 a cidade sofria com os enormes espaços vazios de suas avenidas, que eram realçados com as grandes construções públicas nos estilos eclético e neoclássico.

Pontos da cidade como a Praça da Liberdade, apresentam o modelo francês de avenidas largas convergindo para pontos importantes da cidade, neste caso, para o belíssimo palácio do governo

de autoria do arquiteto José de Magalhães. Construído com base no estilo neoclássico, com uma ornamentação marcada por elementos do ecletismo, a sede do governo teve suas telhas, cristais, louças talheres e mobiliários vindos da França.

Além de José de Magalhães, que seguia os princípios da Escola de Belas Artes de Paris, outros artistas foram encarregados de contribuir com o paisagismo, a arquitetura e as artes em geral na cidade, como o artista francês Émile Rouède que foi contratado para realizar a documentação do antigo arraial.

A partir do movimento Arts and Crafts, considerado uma das bases do Design moderno, surge na virada para o século XX (1890-1905) o estilo Art Nouveau, preocupado em buscar uma originalidade na forma e rejeitar as formas puramente funcionais encontradas principalmente nos produtos industriais.

Sem apresentar uma grande quantidade de referências neste estilo, se destacam na cidade a casa de João Pinheiro (governador do estado de 1906 a 1908) e a belíssima escadaria em ferro do Palácio da Liberdade,

Nas artes gráficas, segundo HALUCH (2005 p. 104) “A linguagem art nouveau influenciou muito os ilustradores que tinham nos modernos periódicos franceses sua principal fonte de referência.”. Em publicações como a revista “Para todos” lançada em 1918 e “A Maça” de 1922, o traço de influência francesa na ilustração é notável.

Entre 1925 e 1940, é introduzido o Art Déco, estilo representado por construções como o Cine Brasil, onde as formas geométricas, os motivos solares, os degradés e as curvas estendidas marcam um estilo cosmopolita característico das grandes cidades. Outros exemplos que valem ser destacados são a Prefeitura Municipal, os colégios Marconi e Pio XII, o Minas Tênis Clube e os hospitais Felício Rocho, Odilon Behrens e a Santa Casa de Misericórdia.

# Modernidade e busca de identidade

A despeito destas influências ditas “modernas”, já na década de 20 o movimento modernista brasileiro, busca enfatizar as raízes brasileiras com doses variadas de nacionalismo. Com o “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”, Oswald de Andrade redescobre sua terra após vê-la de fora em uma viagem à França. Buscando quebrar o ciclo de cópias instituído pelas diversas colonizações culturais que o Brasil sofreu, Oswald defende a invenção e o resgate da língua e cultura brasileira.

Tachado de “nacionalismo afrancesado” pelo grupo de Plínio Salgado, Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida e Cassiano Ricardo, as idéias de Oswald foram reforçadas dentro da proposta do “Manifesto Antropofágico”, onde se propunha que assim como nos rituais antropofágicos dos índios brasileiros (onde se comia o inimigo para extrair a força e coragem do mesmo), fosse possível assimilar as influências estrangeiras sem perder nossa identidade cultural.

Com a invasão alemã na França e principalmente, a vitória dos Estados Unidos na segunda guerra mundial, o eixo de propaganda ianque que já se inicia com a presença de tropas americanas no Rio Grande do Norte durante a guerra, aumenta cada vez mais e avança sobre um Brasil recém industrializado e carente de tecnologia e “modernidade”.

No final da década de 50 surge oficialmente o ensino do Design no país, sendo que Belo Horizonte se destaca neste sentido por oferecer o primeiro curso de Desenho Industrial oferecido continuamente a partir de 1957 através da Universidade Mineira de Arte. Em 1963, surgia o primeiro curso de nível superior na Escola Superior de Desenho Industrial – ESDI.

Mesmo com a direta influência do funcionalismo na instituição do ensino do design no país, as múltiplas influências disponíveis em nossa cultura, criaram um ambiente único, onde a globalização aconteceu de fato de maneira precoce. Segundo DE MORAES (2006 p.256) “O verdadeiro desafio na resolução do teorema design brasileiro é aquele de transformar o excesso de informação cultural, oriunda da forte miscigenação das raças, em um modelo de equilíbrio.”

## BIBLIOGRAFIA

CARSALADE, Flávio de Lemos. *Arquitetura moderna e o lugar: uma nova topologia*. MDC: Mínimo Denominador Comum, Belo Horizonte/Brasília, n.3, Março 2006. Disponível em < HYPERLINK "<http://www.mdc.arq.br>" [www.mdc.arq.br](http://www.mdc.arq.br) >. Acesso em: 03/07/2009

DE MORAES, Dijon. *Análise do Design Brasileiro: entre mimese e mestiçagem*. São Paulo: Edgard Blucher, 2006.  
HALUCH, Aline. *A maçã e a renovação do design editorial na década de 1920*. In: CARDOSO, Rafael (Org.). *O Design Brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960*. São Paulo: Cosac Naify, 2005. p. 96-123

SCHMIDT, B. *A modernização e o planejamento urbano brasileiro no século XIX. Ensaio FEE* [Online] 2:1. Porto Alegre, n.3, Março 2006.  
Disponível em "<http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/view/84/414>"  
<http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/view/84/414>  
Acesso em: 25/06/2009

Ministério do planejamento, Orçamento e Gestão. *Brasil: 500 anos de povoamento* [Online] Disponível em "[HTTP://ibge.gov.br/brasil500/index2.html](http://ibge.gov.br/brasil500/index2.html)"  
[HTTP://ibge.gov.br/brasil500/index2.html](http://ibge.gov.br/brasil500/index2.html)  
Acesso em: 14/07/2009

NIEMEYER, Lucy. *Design no Brasil: origens e instalação*. 3a Ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2000.

Secretaria de Estado de Minas Gerais. *O palácio da Liberdade*. Disponível em "<http://www.governo.mg.gov.br/conteudo.aspx?cod=65>"  
[www.governo.mg.gov.br/conteudo.aspx?cod=65](http://www.governo.mg.gov.br/conteudo.aspx?cod=65)  
Acesso em: 03/07/2009